



Ricardo Gatt: O Dificil Progresso

ARTES PLÁSTICAS | WALMIR AYALA

COLETIVA DE NOVOS NO IBEU

A exposição 7 Novíssimos, 1968 com que a galeria do Instituto Brasil-Estados Unidos inaugura sua temporada, traz bem a marca experiente do dedo de Marc Berkowitz, especialista em revelar artistas jovens e maduros. A tradição destas mostras de abertura de ano, da galeria do IBEU, apóia-se no sábio escrúpulo de exigir do nôvo artista uma unidade de visão, uma limpeza de execução, um caráter de contemporaneidade. Assim temos a surpresa de ver o salto de um pintor como Eunibaldo

(Bahia, 1936), antes perdido num heterogêneo de formas e estilos, deixando entrever um talento para a reportagem pictórica de caráter popular, mas ainda inseguro e impaciente. Sua série de telas sobre o tema do futebol demonstram, nesta coletiva do IBEU, um pleno domínio do desenho que informa a pintura, uma rica modulação de instantâneos da grande alegria do esporte, e uma discreta substituição do efeito fácil pelo depoimento nôvo e imediato.

Já os trabalhos de Ricar-

do Gatt (nascido em 1945) demonstram outro tipo de evolução: a daquele artista que aos 16 anos fazia uma individual na Bélgica, de linguagem então abstrata, com sucesso de público e crítica, passando a assumir, de forma muito pessoal, uma visão à distância, de regiões trituradas, e logo aproximando-as para a perspectiva crítica de hoje. Suas engrenagens, que o artista transfere para um plano muito geral e coletivo, estão desagregadas, conturbadas, significam, para ele, uma mensagem muito

clara e descontraída. Importante, no caso, a execução impecável dos trabalhos.

Nisete Sampaio aparece com força e *métier*, coisa incompreensível tendo-se em conta o pouco tempo de exercício, e a discreta participação em salões e outras vitrinas. Desde menina reagiu contra o desenho, até, já môça, deflagrar inteira e resolvida, a figuração nova e vibrante que hoje nos dá. Inácio Rodrigues (Ceará, 1947), com figuras e grades, em tratamento dual e perfeitamente unificado, em que a solidez limpa e higiênica da grade contrasta com a posição indefesa e perplexa do homem. Uma ordem de protesto muito bem resolvida. Gilberto Jimenez (Lima, 1936) gravura de caráter popular, a côr como elemento de testemunho mágico, bom ponto de partida técnico para o comentário de um atavismo rico de transcendência e gosto terrestre.

Ainda esculturas: Eraldo Mota (Rio, 1942), invenções sobre o lixo, as garrafas inúteis compondo organismos fôscamente pintados, acrescentando à matéria conhecida (matéria-prima dos despojos) uma capa densa e sugestiva, uma durabilidade fictícia. Sobretudo estranhos orbes fechados para qualquer claridade, o anticintilante da invenção barata. Ascânio M.M.M. (nascido em 1941), esculturas arquitetônicas, ondulante ritmo criado por cubos claros e em branco, ponto de partida primário para uma bela composição no espaço: bela e móvel em sua cascata geométrica e simples.

Visão geral de esplêndido efeito. Aquêle estágio em que a coletiva tem uma razão de ser — ou a pesquisa de um tema ou a comprovação de um conjunto antes disperso. A segunda razão: o conjunto em questão, dos 7 novíssimos, 1968, encontrou na coletiva o seu momento de afirmação. Um por um, com altos e baixos, mereciam aparecer. Somados se apóiam e explicam a jovem voz que pede audiência e julgamento. Reconhecemos, aceitamos, repercutimos e transferimos o horizonte do julgamento para a audiência que a exposição, inicialmente, merece.